

REVERBERAÇÕES DO SIGNO NA (DES)CONSTRUÇÃO DO AUTOR: A LITERATURA PARA ALÉM DOS MUROS

Elisabeth Silva de Almeida Amorim ¹

RESUMO

Este artigo pretende discutir os impactos da descoberta da arbitrariedade do signo no século XIX, por Ferdinand Saussure, que proporcionou o ensino inovador da literatura, a partir da teoria da desconstrução anunciada por Derrida. Para tal discussão, convocamos a filosofia, semiótica, linguística e literatura para nortear a trajetória percorrida durante os estudos do signo. No entanto, nosso olhar será para o linguístico-literário, mais especificamente as múltiplas faces do autor a partir da desmontagem literária promovida por estudantes da educação básica, onde a Literatura e a Semiótica andam juntas, fortalecendo-se mutuamente. Através das teorias intersemiótica de Roland Barthes(2001) e desconstrutivista de Jacques Derrida(2001;2014), esperamos contribuir com o ensino da literatura associada a outros signos, questionar o lugar do autor no processo de desmontagem literária e proporcionar a reflexão acerca da descoberta linguística de Saussure que modificou não apenas o linguístico-literário, mas o campo das pesquisas nas diferentes áreas das ciências humanas.

Palavras-chave: Signo linguístico, Impactos, Ensino, Literatura, Autoria.

INTRODUÇÃO

Por muito tempo, o ensino da literatura se manteve preso ao que o “autor queria dizer”, como se a autoria fosse algo determinante para o texto receber ou não créditos do leitor. Ora, o autor ao concluir o texto não quer dizer mais nada, pelo menos em relação aquele texto concluído, a não ser que ele opte por uma série. No entanto, a tentativa de fisgar o autor como se fosse algo capaz de ser capturado num dos seus textos, leva-nos a refletir sobre o papel social do autor. Num momento em que os significados transcendentais precisam ser combatidos, a literatura precisa aliar-se a outros signos para não perecer numa prateleira qualquer, bem distante do leitor.

Quando Ferdinand Saussure descobriu as arbitrariedades do signo, no final do século XIX e início do século XX, preferiu não publicar a pesquisa em um livro, mas

¹ Mestre em Crítica Cultural(UNEB) e Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural(UNEB), e-mail mrs.bamorim@yahoo.com.br

socializar para alunos do Curso de Linguística, na cidade de Genebra no qual ele era professor, prevendo a incompreensão do seu achado. Saussure sabia que a sua descoberta iria revolucionar os estudos linguísticos, e conseqüentemente atingiria as outras áreas, já que as ciências humanas, por exemplo, bebem na fonte da Linguística para pensar a cultura, sociedade, religião, filosofia e educação de determinando grupo social. Porém, a descoberta de Saussure ganhou o mundo através de homenagem póstuma de ex-alunos, 3 anos após a sua morte, com o lançamento do livro *Curso de Linguística Geral*, Ferdinand Saussure (1916).

O percurso aqui trilhado é o linguístico-literário, que através de perspectivas filosóficas e semiológicas, buscaremos os rastros da autoria no processo de desmontagem literária. Temos o objetivo de ampliar a discussão acerca da virada linguística, tomando como referência os impactos da descoberta do signo, em busca de novo estatuto do autor.

Não temos dúvidas de que Linguística e Filosofia tem as suas diferenças, mas os caminhos de ambas se cruzam e são intercambiados. Quanto mais elas tentam se afastar uma da outra, mais próximas elas ficam, pois insistem em disputar o mesmo lugar. Através das contribuições filosóficas de Giorgio Agamben, Michel Foucault e Walter Benjamin, associadas a linguística de Saussure e Emile Benveniste, o ensino da literatura será refletido numa perspectiva desconstrutivista e intersemiótica.

O texto será estruturado de forma que a teoria da desconstrução, através do filósofo francês Jacques Derrida (2001;2014), seja apresentada também como instrumento metodológico, através do qual o ensino da literatura na educação básica é nosso alvo, a priori, para reivindicar um estatuto do autor. Um outro ponto a ser discutido é como o signo literário transita entre os pares Filosofia e a Linguística; Linguística e Semiologia, bem como Literatura e Linguística em prol de um ensino literário inovador e libertário.

Sem pretensão de apontar receitas para o ensino da literatura, mas refletir o quanto os impactos linguísticos influenciam áreas de conhecimento, inclusive o campo das letras, estamos na condição de repensar o lugar do autor e de uma literatura associada a outros signos, capaz de romper as paredes de uma escola, e promover a autonomia do leitor para desconstruí-la, não no sentido de destruir, mas desmontar. Desmontagem como prática metodológica utilizada por Amorim(2016), onde o objeto de análise e discussão, às vezes, se distancia estrategicamente, para ser capturado sob diferentes abordagens discursivas. Num jogo de signos onde o autor se esconde e se

mostra ao mesmo tempo, sem, no entanto, deixar de se fazer presente. Por isso, fecharemos a discussão invocando o crítico literário Silviano Santiago e filósofo Walter Benjamin para deles extrairmos algumas noções de autoria. Enquanto Benjamin defende que o narrador clássico, autêntico está desaparecendo por falta de vivenciar o fato e a tendência do estágio informativo ser responsável pela “morte da narrativa”, Santiago levanta uma bandeira diferente. Para Santiago, o narrador não precisa, necessariamente, vivenciar o fato, mas ser observador, característica do narrador pós-moderno.

METODOLOGIA

É necessário, sem dúvida, no interior da semiologia, transformar os conceitos, deslocá-los, voltá-los contra seus pressupostos, re-inscrevê-los em outras cadeias, modificar pouco a pouco o terreno de trabalho e produzir, assim, novas configurações; (Derrida, 2001 p.30)

Por muitos anos ensinando literatura brasileira na educação básica em escola pública, mais especificamente em ensino médio, a minha inquietação se dava por conta da falta de entusiasmo dos estudantes com as leituras engendradas nos livros didáticos. As propostas dos manuais didáticos esbarravam na resistência estudantil, até apostarmos na transformação de conceitos e provocar deslocamentos para modificar a ordem do discurso literário.

O filósofo francês Jacques Derrida(1930-2004) deixou um legado para pesquisadores de diferentes áreas, através da perspectiva da *différance*, que traz a ideia de movimentos opostos(ativo/passivo), nos quais o diferente é produzido, ao mesmo tempo que produz a diferença. Como Derrida (2001) afirma que a *différance* vai além de um conceito, pensemos então nessa abordagem relacionada a escrita, uma vez que primamos pelo linguístico-literário. Derrida, fundamentado em Saussure acerca das limitações da escrita diante da fala, por considerá-la “estranha”, “usurpadora”, “superficial”, “armadilha” entre outros termos adjetivados, resume: “A escrita deveria se apagar diante da plenitude de uma fala viva”. (idem, p.31)

Como seria produzir as novas configurações propostas por Derrida a partir das transformações de conceitos? É uma questão crucial para o desenvolvimento deste texto, porque para esse teórico do jogo das diferenças e dos rastros, não há possibilidade de nenhum elemento funcionar como signo sem atrelar-se ao outro. Isso porque, “Esse encadeamento, esse tecido, é o texto que não se produz a não ser na transformação de

um outro texto”. (ibidem, p.32) Bem, quando falamos no signo literatura, o significante que permeia no imaginário de estudantes da educação básica não é nada animador. Imagens de livros fechados, trancados em bibliotecas, distantes e impenetráveis. E é justamente esse significante que almejamos quebrar, a começar combatendo o significado transcendental, proposto por Derrida, ao unir a literatura a outros signos para aproximá-la cada vez mais do leitor.

Sem sombra de dúvida, Jacques Derrida foi um dos pensadores mais respeitados da segunda metade do século XX. A sua teoria da desconstrução é de grande influência nos diferentes campos de estudos, sejam filosóficos, linguísticos, artísticos e literários. Ao falar da falta de essência da literatura e significado do literário, em Derrida(2014) temos:

Não há como estabelecer um significado último nem uma referência definitiva na realidade, pois, o literário opera por significações e referências parciais e mediadas para com o real. A essência da literatura é mesmo não ter essência alguma, rasurando e deslocando a perguntas metafísica “o que é?”, em proveito de um espaço irreduzível a qualquer ontologia. (Evando Nascimento In: Derrida, 2014 p.15)

Os textos são tecidos pelos rastros e diferenças de outros textos e com isso, não há texto literário em si mesmo. Evando Nascimento, na introdução *A literatura à demanda do outro* do livro de Derrida(2014), capta com muita precisão as ideias centrais das obras desse teórico francês. Ele afirma que para Derrida, a literatura é como uma escritura ou arquiescritura que diz respeito a “inscrição geral do traço”. Falar da desmontagem literária como uma opção metodológica, remete também à teoria da intersemiose de Roland Barthes(2001). Entre o semiólogo e o filósofo encontramos elementos que sustentam esta proposta onde o campo linguístico-literário é nosso alvo. No livro *Aula*, de autoria de Barthes, há uma defesa das três forças de poder da literatura que, utilizando-se de conceitos gregos, cita: *mathesis*, *mimesis* e *semiosis*. Tais forças operam articulando saberes, representando o real e com o deslocamento de signos, um método importante para essa discussão. Para Barthes, a semiologia pode se definir como ciência dos signos, e tem a função de recolher o impuro da língua. Indo além, ele aponta a semiologia como desconstrução da linguística. Em suas palavras,

Em resumo, quer por excesso de ascese, quer por excesso de fome, escanifrada ou empanzinada, a linguística se desconstrói. É essa desconstrução da linguística que chamo, quanto a mim, de semiologia. (Barthes, 2001, p.30)

O que pode o literário? Se a literatura não sair do seu campo para dialogar com outras ciências, mais isolada ela ficará. A parceria entre Literatura e Semiologia, proposta por Barthes, promove essa desconstrução do signo literário, não para destruí-lo, mas para associá-lo a outros signos e fugir do significado transcendental. E a literatura através da *semiosis* pode muito, ao multiplicar os saberes e passar de uma série discursiva para outra. O ensino da literatura na educação básica, por exemplo, quando de posse da teoria da intersemiose, o texto literário sofre diferentes mutações nas mãos dos estudantes. Salas de aula são transformadas em laboratórios de experimentação, através das oficinas de desmontagem. Um romance, por exemplo, no final da oficina, poderá ser lido através de poesia, cartaz, carta, charge, grafite entre outros signos e séries discursivas.

Derrida (2014), ao ser questionado sobre a ideia da prática desconstrutora influenciar no gozo da leitura ou escritura, manifesta discordância:

A experiência de “desconstrução”, de questionamento, de leitura ou de escritura “desconstrutora” de nenhuma forma ameaça ou lança suspeita sobre o *enjoyment*. Acredito justamente o contrário. Sempre que há “gozo”... há “desconstrução”. Desconstrução afetiva. A desconstrução talvez tenha como efeito, senão como missão, liberar gozo proibido. (Derrida, 2014 p. 84-85)

A defesa de Derrida, talvez, justifica o porquê da sala de aula de literatura estar sendo transformada em um grande laboratório, onde os gêneros textuais transitam livremente entre os textos literários, um processo criativo, cada vez mais comum na educação básica. Após as oficinas de produção, as criações estudantis são amplamente divulgadas nos murais, muros e redes sociais. Em relação a metodologia criativa no trato com a literatura, Amorim(2016) afirma que,

Ao buscarmos esse viés intersemiótico para a pesquisa, significa dizer o quanto as produções desmontadas dos estudantes de educação básica passam pelos estudos da semiologia, pelas malhas da desconstrução. Isso, porque o texto literário ao ser transmutado de uma série discursiva para outra, abraça também diferentes signos. (Amorim, 2016, p.27)

Levar para a sala de aula o romance *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, é ter a certeza de que o enredo do romance servirá de ponto de partida para produções estudantis da educação básica, surgindo assim, *Vidas secas* em cordel, grafite, anúncio criativo, pintura, etc. A título de amostragem, utilizaremos dois exemplos, frutos das oficinas de desmontagem literária:

Fabiano é um vaqueiro que não tem moradia fixa, tem uma família composta de uma esposa, dois filhos e uma cadela com o nome de Baleia. Ele e sua família vem passando por sérias dificuldades por este sertão do nordeste. Ele precisa de um lugar para morar com a sua família. Maiores informações, leia o livro VIDAS SECAS de Graciliano Ramos que se encontra na biblioteca Antônio Possidônio Sampaio ou assista ao filme com o mesmo título.

Vaqueiro de Vidas secas – Anúncio de leitor-autor

Fig. 1



Vidas secas – Grafite no muro

Fig. 2

Os textos apresentados nas figuras 1 e 2 foram criados a partir da leitura do livro *Vidas secas*, de Graciliano Ramos e da apreciação do filme homônimo, dirigido por Nelson Pereira dos Santos. O filme baseado no romance, é um drama que aborda problemas sociais através da história de um vaqueiro chamado Fabiano e sua família - retirantes fugindo da seca. O signo literatura associou-se a outro signo – cinema - mas em ambos, a temática com o drama de muitos nordestinos e a preservação do autor Graciliano Ramos continua.

Há uma preocupação alheia em torno da descaracterização do autor quando a desmontagem acontece. Em qualquer lugar do mundo, o romance *Vidas Secas* é de autoria do alagoano Graciliano Ramos (1892-1953). O texto inicial é dele e portanto, o identificarei como autor primário ou primeiro. Ao transportar da literatura para o cinema, o autor primário continua, mas na figura do diretor. Já o autor da obra inicial torna-se o autor secundário. Isso porque podemos afirmar que o romance foi de Graciliano Ramos, mas o filme não. O filme teve um outro olhar, um outro processo de criação, talvez, contrário ao romance adaptado para o cinema. A desmontagem rompeu com uma série discursiva(literária) e passou para outra série discursiva (cinema). Ao analisar a figura 1, o romance *Vidas Secas* foi transmutado para um anúncio criativo centrado na figura do protagonista Fabiano, personagem criado por Graciliano Ramos. O anúncio traz marcas do autor primário nas referências ao título da obra analisada, autoria, personagens, alusão ao filme homônimo. Desse modo, mesmo com a mutação, a autoria de Graciliano Ramos não desaparece, multiplica-se através da presença do leitor-autor - responsável pela produção - e assume uma autoria secundária, já que a criação vem do resultado do jogo de signos. Enquanto o estudante(leitor-autor) sente o

prazer de publicar: “Este anúncio é meu, fiz após leitura de *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos”, obra e autor são amplamente divulgados.

A figura 2 trata-se de um grafite no muro externo de uma escola pública da educação básica. Vale lembrar que antes do grafite sair da sala de aula para ocupar na parte da frente da escola, socializando a literatura para todos os transeuntes, significa dizer que a literatura e semiologia saem dos muros, rompem os espaços institucionais e ganham novos espaços. O grafite traz em si marcas da literatura, seja no nome do autor ou da obra que proporcionou aquela desmontagem. Amorim(2016), ao analisar o grafite *Vidas Secas*, reforça:

No grafite apresentado ocorre uma espécie de síntese da obra de Graciliano Ramos, há predominância de um ambiente seco, sem árvores e a representação da família do vaqueiro Fabiano (personagem do livro desmontado) sem esquecer da cadela “Baleia” mais adiante, como se liderasse o grupo. Vale lembrar a posição de “Baleia” na história de *Vidas secas*, humanizada e registrada com um nome esse animal é destacado na narrativa. Atrás do morro surge o sol como figura marcante e numa cor amarela destoando do cenário. Uma imagem capturada diz respeito a estrada que se estende desértica sem mostrar nenhuma perspectiva de melhora para a família de retirantes. (idem, p.84)

Vale ressaltar que a imagem anunciada, além de ser publicada em revistas escolares, redes sociais, blogs, sites institucionais, também foi pintada na parte externa do muro e com isso, dispensa autorização. Integrou o nosso acervo fotográfico “literatura desmontada”, amplamente divulgado. A título de divulgação, nas imagens 3 e 4, estudantes com perfis performáticos, usam os espaços virtuais, atuando como leitores-autores no site literário *Recanto das Letras*.



Fig 3



Fig. 4

Na figura 3 encontra-se uma produção de “Um pequeno aprendiz”, descrevendo-se poeticamente a si mesmo, texto intitulado “Rascunho de mim”. Já na figura 4, há

interações de estudantes de educação básica no mesmo espaço virtual. Vale ressaltar que os nomes são fictícios, mas as leituras e comentários são reais e estão disponíveis no site, sendo que o nome performático é link que guiará a página desse leitor-autor. A ida do ensino médio aos espaços virtuais para divulgar o texto autoral, tornou-se uma realidade. Em síntese, a metodologia aplicada passa pela leitura, análise de obra, pesquisas, oficinas e entrevistas nos espaços virtuais transitados. Passemos para os resultados e discussão dessa proposta.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

E Saussure permanecia sozinho com seus problemas. A imensidade da tarefa que devia ser cumprida, o caráter radical da reforma necessária podiam fazê-lo hesitar, às vezes, desencorajá-lo. (Benveniste, 1976, p. 42)

Benveniste(1976) sintetiza o drama vivenciado por Ferdinand Saussure(1857-1913) como um linguista e filósofo suíço que sentia-se impotente e desanimado diante dos impactos que seus os estudos acerca do signo linguístico causariam nos diferentes campos de pesquisa, principalmente nos estudos culturais, linguísticos e literários. A importância das contribuições de Saussure é tão marcante que, segundo Benveniste, todos os linguistas pós-estruturalistas devem algo a ele, assim como não existe teoria geral sem atribuir créditos a este homem dos fundamentos.

Entre 1907 a 1911, em Genebra, Saussure ministrou Cursos de Linguística Geral. Pesquisador da linguística indo-europeia através do método comparativo, percebe as arbitrariedades do signo linguístico. Para Benveniste, o drama de Saussure resultou num afastamento da pesquisa para confirmar e não para negar a sua descoberta. E a inquietude foi registrada através de carta:

“Isso, contra a minha vontade, acabará num livro, em que, sem entusiasmo nem paixão, explicarei por que não há um só termo empregado em linguística ao qual eu atribua um sentido qualquer. É só depois disso, confesso-o, que poderei retomar o meu trabalho no ponto em que o havia deixado...” (Ferdinand Saussure In: Benveniste, 1976, p.40-41)

Sabe-se que signo defendido por Saussure como uma unidade bilateral, formado de significado e significante, renovou a linguística, dando-lhe a luz que faltava. A sua descoberta linguística foi publicada pelos seus ex-alunos do Curso de Linguística Geral, três anos após a sua morte, apesar de Saussure em vida não ter tido a intenção de

publicar os cursos ministrados. Assim, o mundo passou a conhecer e tomar como referência os caminhos linguísticos percorridos por Saussure. A virada linguística modificou os caminhos da pesquisa em diferentes campos de conhecimento. E com a literatura não foi diferente. Será que o ensino da literatura como vem sendo proposto nos manuais didáticos incentiva a formação do leitor? Até que ponto os fragmentos literários dispostos nos livros didáticos do ensino médio despertam o interesse para a leitura da obra literária como um todo? Por que não desconstruir a literatura associando a outros signos?

Desconstruir a literatura pode ser visto também como uma estratégia de afirmação. Assim como Derrida se afirmou na teoria desconstrutivista, apropriamo-nos da desconstrução para afirmar uma outra opção metodológica de ensino/leitura do literário. Não há pretensão de apontá-la como receita, mas apresentá-la como impacto da virada linguística no campo literário. Sem dúvida, a junção da Literatura e Semiologia rompe com o significante da literatura ao abrir para novas séries discursivas, seja através de um anúncio criativo ou um grafite no muro.

Outro impacto da virada linguística encontra-se na filosofia, através do italiano Giorgio Agamben, onde as contribuições linguísticas de Saussure são retomadas no ensaio “A barreira e a dobra” em Agamben (2007). Ele discute a decepção do linguista diante da tradição linguística, porque os termos linguísticos não tinham sentido algum, apontando o signo como algo positivo. Agamben ao analisar o livro *Curso de Linguística Geral*, de Ferdinand Saussure, mostra a relação arbitrária entre significado e significante, vejamos,

O que seria necessário para que tal relação entre significado e significante fosse dado em si? Sobretudo seria necessário que a ideia fosse determinada previamente e ela não o é... seria necessário sobretudo que o significado fosse algo determinando previamente, e ele não o é. Por isso, tal relação não é mais do que a expressão dos valores tomados na oposição. (Agamben, 2007, p. 244)

Agamben ao discutir a linguística, deixa claro que o signo provoca a liberdade da linguagem, e aponta que a inquietação de Saussure se deu por conta da linguística estar presa a uma tradição metafísica ocidental. Em outro ensaio de Agamben (2015), desta vez analisando o linguista Jean Claude Milner, apresenta a Filosofia e Linguística como parceiras, pois as histórias de ambas se cruzam, sem haver necessidade de

brigarem pelo mesmo objeto. Mesmo porque as duas precisam da linguagem, apesar de haver uma disputa pela episteme, elas são ligadas uma a outra.

Ao trazer essas contribuições para o cerne da pesquisa, vimos o quanto a descoberta do signo nos foi útil para repensar a literatura, seja a leitura, crítica ou recepção do texto literário na educação básica e até para pensar no novo estatuto do autor. Por muitos anos, conhecendo de perto a resistência do estudante para com o texto literário e percebendo uma mudança de atitude, imbuímos na defesa da parceria entre Literatura e a Semiologia. Os resultados aparecem em forma de textos em diferentes ambientes - inclusive o virtual -, aprovações dos estudantes egressos nas universidades públicas e a quantidade de postagens de textos literários estudantis em redes sociais. Por muito tempo, os estudantes do ensino médio da pequenina cidade baiana chamada Iaçú, usavam as redes sociais, exclusivamente para postar fotos pessoais. Com a mudança de comportamento diante do literário, os textos circulam, rompendo as paredes e muros e mudando a ordem do discurso.

Ainda cabe retomar a Barthes(2001) ao lembrar que a literatura tem um papel fundamental de “falsear” a linguagem, segundo ele, para escapar das convenções linguísticas arbitrárias. Assim, é possível girar os saberes e fazer com que outras significações apareçam. Percebemos que os impactos da virada linguística contribuíram para refletir a autoria que surge no processo de desconstrução da literatura. Um autor que se esconde ou que se mostra nas dobras do texto? Um autor que está desaparecendo ou contribuindo para o surgimento de novos autores das próprias narrativas?

Para Benjamin(1994), há dois grupos de narradores: o narrador local e o que vem de longe, e estes narradores passam por estágios: clássico, romance e informativo. No entanto, ele aponta que a narrativa clássica como a mais importante, mas que está morrendo, devido à falta de vivência, distância do fato narrado, e por causa do texto informativo - responsável pela morte da narrativa. Em oposição a essa defesa, Santiago(2002) defende que o autor poderá ser um observador ou narrar a partir da experiência. As visões diferentes acerca do autor, fazem-nos refletir sobre o estatuto do autor. Será que é preciso vivenciar o fato narrado ou a observação é suficiente para tornar-se narrador?

Santiago(2002) consegue enxergar um narrador sábio e ativo que não precisa vivenciar, mas olhar, atentar-se para as experiências alheias. Estamos numa sociedade da informação, e esse narrador pós-moderno defendido por Santiago, abre mão do centro da narrativa para ser um expectador. Esse deslocamento do autor dialoga com

Agamben(2009). No ensaio sobre o que é contemporâneo, ele afirma a importância do poeta contemporâneo se manter firme no seu tempo e enxergar além da luz, mas a escuridão. Para ser contemporâneo exige uma dose de coragem, porque mesmo diante da escuridão da época, ele precisa encontrar a luz. A luz para Saussure foi o signo com a sua bilateralidade diante da escuridão da metafísica ocidental.

Um outro resultado percebido foi a inserção de estudantes como autores num site literário chamado *Recanto das Letras*. Essa passagem pública e virtual de leitor para leitor-autor foi muito significativa. A discussão da desmontagem iniciada numa escola de ensino médio, rede pública estadual, se expandiu da sala de aula para outras salas, escolas e espaços virtuais. O processo metodológico da desmontagem literária vem atingindo toda a rede municipal da pequenina Iaçú. Há dois anos e meio estamos levando a metodologia criativa da desconstrução do literário para um grupo de coordenadores pedagógicos, através de palestras, oficinas e encontros (in)formativos regulares, e os resultados são surpreendentes, esses coordenadores pedagógicos são multiplicadores da desmontagem nas suas respectivas escolas de atuação. Já é possível ver alunos de diferentes idades declamando poesias, parodiando contos, encenando e “fuxicando” literária e poeticamente nas redes sociais.

Entretanto, os resultados parciais mais significativos relacionados à pesquisa, dizem respeito a defesa da dissertação do mestrado cujo tema: “Desmontagem da literatura em educação básica: modos de criar, modos de combater e anular dispositivos de poder” pelo programa de Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia, em 2014. A pesquisa ser transformada em livro homônimo pela editora Novas Edições Acadêmicas, representante brasileira da editora alemã OmniScriptum, é um salto bem grande. Porque assim como os estudantes temiam o olhar do outro para o que eles estavam fazendo com o literário, há uma necessidade do pesquisador que nunca foi contemplado com uma bolsa de fomento à pesquisa, ter essa aceitação do outro.

Enfim, esses resultados são extremamente relevantes. São anos investindo no ensino da literatura para a transformação do ser aluno como produtor de conhecimento, a ponto de valorizar o próprio texto. Foi um processo lento, dolorido, com muitos cartazes destruídos para o “autor” não aparecer, não ser identificado fora do espaço da sala de aula. Sim, inicialmente, muitos alunos tinham vergonha de mostrar a criatividade, de expor. E tudo isso foi e continua sendo respeitado. Receber regularmente textos e vídeos de estudantes com produções autorais, declamações,

saraus, etc, para que sejam divulgados é uma vitória. É uma educação para a re-existência mesmo, e através da literatura, provocamos mudanças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O texto não se produz a não ser na transformação de um outro texto...
(Derrida, 2001, p .32)

Pensar no texto como um tecido de signos, leva-nos a refletir o jogo de sentidos e signos que cada texto carrega em si. Desmontá-lo, como propõe Derrida, é uma estratégia de afirmação. Ao buscarmos o linguístico-literário não é diferente. A desmontagem, de certa forma, afirma o leitor-autor - um leitor que se apropria do texto alheio e o ressignifica, sem deixar de identificar o autor primeiro, nem se omitir diante da produção ressignificada. Segundo o filósofo Foucault, no ensaio “O que é o autor?”(1992), o autor se individualizou, foi desapropriado, apesar do seu nome correr todos os limites de um texto, tornando-se não apenas um elemento do discurso, mas exercendo todo o poder de influenciar a própria leitura. Essa dessacralização do autor em prol da linguagem, do escrito, é extremamente importante para a pesquisa. Porque estamos falando de escrita inventiva que se renova, reconstrói e se desmonta a cada leitura do leitor-autor.

Chegar até aqui é um salto gigante. Apesar do título, não vejo essas considerações como “finais”, pois o processo da pesquisa requer ir e vir, escrever e reescrever, pesquisar e confrontar as pesquisas. Quando se está no primeiro semestre interrompido antes mesmo de começar formalmente, por causa de uma pandemia mundial, as leituras ficam mais sensíveis e escritas suscetíveis à reescrita. Preciso atender o rigor de um texto acadêmico, apesar do desejo de deixar as palavras dançarem no papel, conforme as experiências das oficinas realizadas com estudantes da educação básica.

Um outro aspecto a ser considerado com a descoberta do final do século XIX e início do século XX é como o autor foi se descaracterizando conforme o avanço dos estudos linguístico-literário. Interpretações do texto variam conforme o objeto, campo de pesquisa e teoria abraçada. Se Barthes e Benjamim anunciam a morte do autor, em

Santiago, o autor pós-moderno se reinventa através da observação do fato acontecido. Outro teórico que traz a autoria para roda é Foucault, para ele, autor que não consegue ser capturado pelo nome, mas escapa pelas brechas, se esconde nas malhas dos textos, deixando rastros. Rastros da autoria encontrados nos textos de estudantes, seja através do nome referendado ou características da obra que remetem a figura do autor.

O impacto da descoberta de Saussure foi além da linguística, basta pensar como isso transformou a Escola Birmingham, na Inglaterra, no final da década de 1950, conhecida por ser a pioneira a fomentar os Estudos Culturais. Com a virada linguística, redimensionou o conceito de cultura e passou a considerar a cultura sob diferentes abordagens histórica, filosófica e sociológica. Não resta dúvida que essa iniciativa revolucionou os estudos culturais, literários, artísticos, históricos, feministas, antropológicos entre outros. A cultura não poderia ser vista, estudada e interpretada apenas sob a ótica dos letrados ou grupos dominantes, porque os dominados também produzem cultura. Romper com o significante deu uma guinada nos estudos nos diferentes campos e a fonte deixada por Saussure é utilizada por muitos que vieram após ele.

Bem, há inquietações que surgem ao longo desse caminhar. Reconhecemos que estamos no começo, mas conscientes do nosso papel e limitações. A muito a ser pesquisado sobre a formação do estudante, a recepção do literário nas salas de aula de ensino médio, a produção estudantil, entre outros temas que colocam o estudante da educação básica como protagonista. Não propagamos o fim do livro didático, nem algo radical em prol da promoção da leitura literária, afinal, o livro é mais uma ferramenta útil para fomentar a leitura de um texto acessível ao aluno, assim como internet, computador, sites, jornais, revistas também os são, quando essas ferramentas estão disponíveis no espaço escolar. E ao questionarem que tipo de autor esperamos encontrar com o processo da desmontagem? De início, pensamos no leitor-autor, capaz de fazer a leitura e dela extrair um texto autoral. Talvez por conta de três jovens que gostavam de parodiar os romances, contos, poesias na sala de aula em 2017 e hoje elas estão na graduação de História, mas influenciadas pelas aulas de literatura, formaram um grupo musical *As Felipas* e apresentam em bar e restaurante locais, inicialmente, como intérpretes, mas com algumas composições autorais.

Pretendemos finalizar este texto com a mesma afirmação inicial. A literatura sozinha não desperta mais o interesse do estudante do ensino médio, mas precisa de outros signos para ser abraçada por esse público. Essa afirmação vem de uma

experiência de décadas de prática com o ensino da língua e literatura. Afinal, são anos de observação direta, regência de classe, organização de revista literária estudantil, coordenação pedagógica, articulação da área de linguagens e mentora de projetos pedagógico-literários com práticas inventivas para atrair a atenção do leitor para o texto literário.

Hoje, podemos afirmar que aquele público tímido que não aceitava nem colocar o nome nas produções desmontadas e transcritas para os cartazes, mudou completamente ao espalhar suas produções pelas salas, depois corredores, bem mais tarde invadir os muros. A mudança aconteceu gradual a partir do olhar do outro para o que estávamos fazendo numa aula de literatura. Quando a surpresa do outro é transformada em admiração e respeito, as mudanças de comportamento acontecem paralelamente. E nenhum momento afirmamos que estamos fazendo literatura, mas temos a pretensão de afirmar que estamos brincando com o signo, desmontando, pintando, descolorindo, cantando para a literatura para que esse jogo de signos chegue até o outro.

Um anúncio é um texto publicitário, mas ao utilizar uma obra literária para desmontar e anunciar, torna-se uma publicidade de uma obra literária e de um autor. A literatura está lá presente. Porque a obra do autor é universal, *Vidas secas* é universal. Acreditamos que a educação precisa ser reinventada, romper com propostas que engessam os estudantes. Precisamos desatar alguns nós e por que não começar a partir do ensino da literatura?

Saussure foi grande na empreitada linguística, mas os que vieram após ele também os foram. Fomentar pesquisas em diferentes campos de saber e atribuir créditos a linguística é uma ação maior ainda. E não é por acaso que as “rusgas” entre filosofia e linguística ou linguística e antropologia, por exemplo, existem e nos parece que não terminarão por tão cedo. É certo que os estudos de Saussure foram os pioneiros, inegavelmente, inaugurou uma linguística transgressora, capaz de olhar para o signo e perceber que significado e significante estão presentes na estrutura, e não adianta querer deixá-los lado a lado como se fosse uno, porque a relação existente é arbitrária e convencional.

AGRADECIMENTOS

Ao realizar uma pesquisa, são tantas pessoas que cruzam nosso caminho que citar nomes, às vezes, torna-se difícil, porque corremos o risco de não contemplar todos. Por outro lado, como não agradecer aos parceiros e parceiras que de forma direta ou indireta ajudaram a conquistar esse espaço, aqui, assumido?

Muito obrigada ao Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia, Alagoinhas -BA pela coragem e ousadia em investir numa pesquisa que empodera o estudante da educação básica. Foi na Crítica Cultural que aprendi o valor de algo que fazia há tanto tempo com meus alunos, eternos cobaias, nos laboratórios que eram transformados a sala de aula para ressignificação do texto literário.

Meus primeiros companheiros(as) saíram da educação básica, mais especificamente alunos(as) do ensino médio, de escola pública estadual, onde por 27 anos trabalhei como professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira. E esse período foi suficiente para conhecer um pouquinho o chão da sala de aula de ensino de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, coletar dados e criar espaços para produção estudantil. Parceiros que inicialmente, resistiam às propostas por acharem “estranha”, “diferente”, mas nunca deixaram de apoiar e participar de oficinas de leituras. Atualmente, muitos já graduados, pós-graduados, alguns com mestrados e doutorados ou em doutoramento.

Outros parceiros da pesquisa são filhos e esposo, principalmente, meu esposo. Porque acredito que não é fácil conviver com uma pesquisadora na mesma casa. Além, do contato constante com os livros, às vezes, troca o lazer pelas viagens regulares para o local do curso. E de certa forma, há um abandono do lar em prol da pesquisa. A esses que abandonei por um período, sou grata por eles não terem me abandonado com os meus livros.

Não poderia deixar de registrar os agradecimentos ao coordenador do curso de Pós-graduação em Crítica Cultural, meu querido orientador do mestrado o Dr. Osmar Moreira Santos. Ele foi o primeiro professor doutor em literatura a acreditar no projeto e assumir a orientação, apresentando-me a Derrida, Foucault, Barthes e tantos outros que sustentam a proposta.

São muitos que passaram e continuam passando pelo meu caminho, ajustando aqui, corrigindo acolá, e, ser aprovada na seleção de doutorado numa universidade pública de referência como a UNEB, é algo indescritível. É como chegar ao topo de uma montanha com um livro de literatura desmontada nas mãos, com a respiração

ofegante: -Venci! Enfim, agradeço a todas as universidades pelas quais enviei proposta de comunicação ou palestra e recebi aprovação, pois com os abraços desses novos parceiros, além de socializar a pesquisa, aprendemos muito com as críticas, sugestões de leituras, ao mesmo tempo em que apresentamos um outro olhar para o ensino da literatura.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. A barreira e a dobra. In: AGAMBEN, Giorgio. **Estâncias: a palavra e o fantasma da cultura ocidental**. Tradução Selvino José Assmann. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007. p. 240-250

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** E outros ensaios. Tradução Vinícius Nacastro Honsesko. Chapecó/SC: Argos, 2009.

AMORIM, Elisabeth S.A. **Desmontagem da Literatura em Educação Básica: modos de criar, modos de combater e anular dispositivos de poder**. Novas Editoras Acadêmicas – Omni Scriptum GmbH & Co.KG: Saarbrücken/ Niemcy – Alemanha, 2016.

BARTHES, Roland. **Elementos da semiologia**. Tradução Izidoro Blikstein, 4 ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1975.

BARTHES, Roland. **Aula-** aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França. Tradução Leyla Perrone _ Moisés. Pronunciada em 7 de janeiro de 1997. São Paulo: Cultrix, 2001.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nokolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaio sobre literatura e história da cultura**. Tradução Sérgio Paulo Roumet, 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.

BENVENISTE, Emile. Saussure após meio século. In: BENVENISTE, Emile. **Problemas de Linguística Geral**. Tradução Maria Glória Novak e Luiza Neri. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1976. p 34-49.

DERRIDA, Jacques. **Posições**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

DERRIDA, Jacques. **Essa estranha instituição chamada literatura**. Tradução Marileide Dias Esqueda. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

FOUCAULT, Michel. O que é o autor? In: FOUCAULT, Michel. **O que é o autor?** Tradução Antônio Fernando Cascais e Edmundo Cordeiro. Lisboa: Veja, 1992. p. 28-87.



FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

SANTIAGO, Silviano. O narrador pós-moderno. In: SANTIAGO, Silviano. **Nas malhas das letras**: ensaios, Rio de Janeiro: Rocco, 2002, p. 38-52.